

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA. AS TIC E A INTERTEXTUALIDADE

Elsa Cogonosky - UADER Universidad Autónoma de Entre Ríos

Daniel Horacio López - E.E.T. Nº 2 Francisco Ramírez

Para a realização deste trabalho nos baseamos nos estudos comparativos que têm incorporado ao seu quadro de possibilidades múltiplas formas de interlocução entre o literário e outras linguagens, em especial aquelas que têm a ver com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicações (a partir daqui TIC)¹.

A expansão planetária dos meios digitais em rede e a literatura, o cinema, a canção popular, a teledramaturgia, vêm mostrando nas últimas décadas muitas mudanças com respeito ao cenário tradicional. Isto acontece pelas novas possibilidades que o ciberespaço oferece².

Assim os limites da literatura são cada vez mais flexíveis, já que pressupõem hibridação e movimento. Ao reconhecer um movimento nas fronteiras, a literatura pode ser entendida como linha imaginária, como lugar de passagem da letra para a imagem fixa ou em movimento; da imagem fixa ou em movimento, para a voz ou som; da voz ou som para os silêncios; dos silêncios para a mídia. Daí a necessidade de se pensar a literatura não como estrutura fechada e autossuficiente, mas como uma estrutura que se abre para a passagem. Esta passagem entre textos e línguas, entre línguas e mídias, fazem pensar a literatura como sincretismo midiático, e ainda mais, nos remetem ao pensamento antropofágico onde uma mídia é absorvida pela outra, o livro pelo filme, o filme pela canção, ou o videoclipe.

Esse movimento de valorização e institucionalização das TIC se apóia tanto na mudança de paradigma que lhe atribuiu o caráter transformador nas instituições de ensino, quanto na percepção do seu papel como força modeladora dos sistemas literários. Partindo do pressuposto de que qualquer sistema literário deveria incluir as TIC, já que trazem inovação e mudança, pretendemos mostrar o aporte destas

¹ CANCLINI, Nestor Garcia (2000): *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP.

² APARICI, R. (1996): *La Revolución de los Medios Audiovisuales*. Madrid: De la Torre.

tecnologias às formas tradicionais da literatura. E, por sua vez, dimensionar o impacto das TIC com a sua própria lógica, no ensino de língua e literatura.

No contexto das relações entre diferentes tradições e sistemas literários, as TIC desempenham um papel que transcende a mera dimensão instrumental dessa prática, figurando também como o próprio paradigma de uma relação que é incondicionalmente transformadora. As TIC por sua natureza crítica são tanto instrumento quanto condição de uma dinâmica de relações que não se reduz mecanicamente ao intercâmbio de formas, mas opera como matriz fundacional.

Levamos em consideração os estudos narratológicos e a sua incidência na teoria do cinema, especificamente no que diz respeito à realização cinematográfica como linguagem perceptual e concreta, com base nas principais categorias narrativas e estabelecendo relações entre diferentes versões fílmicas de uma mesma “história” e entre filmes e obras literárias adaptadas ao écran³. Incorporamos o conhecimento dos conceitos de teoria da narrativa adaptáveis ao cinema, a identificação e uso desses conceitos na análise dos filmes, a compreensão do significado do valor narrativo do cinema, relacionando assim determinados aspectos literários e determinadas características fílmicas⁴.

Nesta apresentação trabalhamos com o tema do adultério da mulher, procurando fontes na literatura comparada, considerando que nos textos literários aparece a vida social, política e econômica de um povo e com eles coexiste o universo das histórias orais⁵.

Este trabalho visa demonstrar que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação facilitam o processo de ensino/aprendizagem complementando as metodologias tradicionais. Consideramos que a tecnologia tem um papel fundamental na discussão sobre aprendizagem flexível.

O tema proposto é *a intertextualidade* entre a literatura de tradição oral africana, lendas brasileiras, um romance, uma novela de televisão, o roteiro de um filme, letra e música de uma canção.

³ FERNANDES, Anchieta (1976): *Literatura & quadrinho (do verbal ao iconográfico)*. Em: *Revista Vozes*, Nº 6, Petrópolis.

⁴ CIRNE, Moacy (1975): *Para ler os quadrinhos: Da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. Petrópolis: Vozes.

⁵ COSTA, R. L. J. da (1989): *A Narrativa Africana de Expressão Oral*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Portugal), Angolê - Artes e Letras (Angola).

O uso das TIC permite a abordagem de uma mesma temática em diferentes formatos⁶, para oferecer mais uma ferramenta e possibilitar uma visão mais ampla no campo da língua.

Neste caso a idéia é usar as TIC para ter outra dimensão da intertextualidade realizando uma apresentação através de um vídeo.

Para concretizar este projeto propomos considerar:

1. *A leitura icônica*: enfoque sistêmico onde cada parte atua harmoniosamente
2. *Imagens fixas* como linguagem expressiva
3. *Separadores*: linguagem própria do vídeo que, por analogia com a gramática, atuam como signos de pontuação
4. *Audio*:
 1. *Música* (só música ou música e letra)⁷
 2. *Diálogo ao vivo* (reflete estados de ânimo)
 3. *Voz em play off* (remarca aspectos significativos da imagem)
 4. *Ruídos* (são indicadores do contexto que reforçam a palavra e a imagem; situando ao interlocutor). Podem ser naturais ou artificiais. Sempre ao vivo
 5. *Silêncios* (merece especial atenção o vazio)

Partimos de versões de tradição oral recolhidas na região do Vale do Zambeze, Moçambique; Guiné-Bissau, Pérsia e no Brasil; o livro *Gabriela, Cravo e Canela* de Jorge Amado; o roteiro da novela de televisão e o roteiro do filme; a letra da canção⁸.

A análise da mesma temática em diferentes contextos literários e em outros formatos oferece a possibilidade de uma visão mais abrangente.

Considera-se importante o aporte das TIC como metodologia transdisciplinária para articular textos com outros formatos que vão além do literário, por exemplo imagens fixas, vozes, silêncios, música, teatro, filmes, desenhos. Esta combinação de imagens, sons, silêncios, unidos às lembranças armazenadas na memória,

⁶ MOYA, Álvaro de (1996): *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense.

⁷ <http://www.letas.terra.com.br/tom-jovim/86208/> Acessado em 28/09/2010

⁸ FARACO, C. E. e M.; MARTO F.(1995): *Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática S. A.

permitem reconhecer e acomodar a informação recolhida através dos sentidos, que se transforma em novas aprendizagens ou informação para ser comunicada⁹.

LENDAS SOBRE ADULTÉRIO

OS DOIS AMANTES (Vale do Zambeze - Moçambique)

Um homem tinha várias mulheres. Algumas estavam velhas, mas uma era bem jovem. Esse homem gostava muito dessa mulher, a mais nova. Mas esta mulher a mais nova, gostava muito de outros homens.

Sempre que o marido ia passar alguns dias a casa das outras mulheres, suas esposas, ela metia os seus amigos.

Na povoação, toda a gente sabia, mas ninguém tinha coragem de dizer semelhante coisa ao marido. Este começou a desconfiar sem que ninguém lhe dissesse nada. Começou a desconfiar e pensou arranjar uma forma de confirmar as suas suspeitas. Pensou, pensou e resolveu dizer à mulher o seguinte: “Olha, mulher, as minhas esposas mais velhas andam zangadas porque não lhes dou tanta atenção como a ti. Tens que compreender que sendo elas mais velhas, elas é que conhecem toda a minha vida. Por isso, para não provocar desgraças na minha família como os desgostos delas, vou procurar acalmá-las demonstrando-lhes que reparto o meu tempo de uma forma igual por todas”. E dizendo isto, o homem informou à mulher mais nova que só voltaria a ter com ela daí a três semanas.

A mulher pensou: “Três semanas sem o meu marido, vai ser uma festa”. Mas não disse aquilo. Pelo contrário fingiu-se muito infeliz. Chorou e disse que era muito desgraçada.

O marido partiu. Logo a mulher pegou numa bilha e foi ao rio. Ela pegou na bilha e foi ao rio cantando: Passarinho, passarinho. Vai à Beira e traz-me de lá lindos panos.

Quando ela cantava esta canção, os homens sabiam que o marido dela ia ausentar-se. Apareceu o primeiro e disse: “Quando?” Ela respondeu: “Antes do jantar”.

Foi andando e cantou de novo: Passarinho, passarinho. Vai à Beira e traz-me de lá lindos panos.

⁹ LIMA, Luiz Costa (org.) (2000): *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra.

Outro homem veio e perguntou: “Quando?” Ela disse: “Depois do jantar”.

Foi ao rio, tirou a água e regressou a casa. Tomou banho, pôs lindos panos e esperou.

O primeiro chegou. Começaram a brincar, sem dar pelo tempo que estava a passar. Entretanto chegou o segundo. A mulher disse que estava a brincar como o outro. O segundo disse que queria brincar também. E entrou. Brincaram, brincaram.

O marido não tinha ido à casa das outras esposas como tinha afirmado. Andava a mulher a brincar com os dois homens, quando o marido regressou e bateu à porta. Ficaram todos muito atrapalhados. Mas a mulher pensou logo em meter um dos homens debaixo da “tarimba”, ao outro meteu-o no celeiro que estava pendurado no interior do tecto.

O marido entrou e a mulher fingiu: “Tu não tens nenhum respeito por mim. Dizes que vais e deixas-me a chorar. Quando começo a habituar-me à idéia que vou ficar muito tempo sem te ver, voltas e bates à porta. O que vão pensar os vizinhos? Ainda hoje disse a toda a gente que tu não estavas cá. E agora vão ouvir que alguém bateu a porta a esta hora da noite”. E disse aquilo e começou a chorar, a chorar. O marido já não sabia que dizer, tão grande era a sua confusão. Sentou-se no bordo da “tarimba” pôs a cabeça entre as mãos e disse: “Tu mulher não consegues compreender o que tenho aqui”, e batia no peito acrescentando: “Só aquele que está ali no alto é quem pode dizer...” Ele esta a referir-se ao Além.

Mas o homem que estava no celeiro, sentido-se descoberto apressou-se a dizer: “Eu não sei nada, pergunta àquele que está debaixo da tarimba que foi quem primeiro chegou”.

O marido confirmou as suas suspeitas. Convocou os familiares da mulher, exigiu as suas coisas e repudiou-a.

A MULHER ESPERTA (Vale do Zambeze – Moçambique)

A mulher do rei morreu. Passado o tempo das cerimônias ele resolveu arranjar outra mulher. Esta era muito bonita e era nova também. Muitos homens na povoação tinham inveja do rei. Mas essa mulher era muito esperta.

Um dia, o rei foi visitar um outro rei vizinho. Então a mulher resolveu meter um outro homem lá em casa. Ela meteu um homem porque gostava muito de homens e não podia passar um dia sem ter um. Estava muito bem com esse homem quando

batem à porta. Era um segundo homem. Ela vai e esconde no celeiro o primeiro e volta. Começa a conversar, conversar com o segundo.

Eis senão quando ouve uma grande algazarra cá fora. Era o rei que regressava, porque não tinha encontrado o vizinho.

A mulher não se atrapalhou. Ela era muito esperta. Disse para o homem: “Olha, pega nesta faca, e quando eu abrir a porta ao rei, tu saís fingindo que estás muito zangado e desaparece”. O homem assim fez e o rei muito intrigado, perguntou o que era aquilo. Ela respondeu: “Veio este homem atrás de um outro que lhe deve cinco bois. Como nunca mais devolveu, quer matá-lo. Eu escondi o homem no celeiro lá em cima. Graças a tua chegada que o homem da faca se foi embora”. O rei mandou descer o homem que estava no celeiro, perguntou como estava. Mandou-o descansar. Depois disse ao seu guarda: “Dá a este homem cinco bois para pagar a dívida”, e virando-se para o homem: “Agradece à minha mulher, porque se não fosse a esperteza dela, era hoje um homem morto” O rei não sabia que estava a dizer a verdade. É assim que as mulheres espertas enganam os maridos.

LENDA (Versão de Guiné-Bissau)¹⁰

Havia um régulo que tinha uma mulher muito bonita. A mulher tinha dois amantes. Certo dia, tendo o régulo ido viajar, aconteceu que um dos amantes foi ter com ela. O outro, que sabia que o régulo se tinha ausentado resolveu também ir visitar a companheira. Quando este bateu à porta a mulher do régulo, reconhecendo-o pela voz, sentiu-se atrapalhada, mas lembrou-se de mandar o amante que já lá estava para debaixo da tarimba. Assim recebeu o segundo.

Porém, não tinham ainda passado muitos minutos quando efectivamente aparece o régulo com a sua comitiva. A mulher ficou de novo atrapalhada mas resolveu entregar ao amante uma azagaia e mandou que fizesse muito barulho.

O régulo ouvindo muito barulho, na direcção da casa da sua esposa, dirigiu-se imediatamente para lá a fim de indagar o que se passava. Ao chegar a mulher explicou: “Este homem que aí está, encontra-se furioso porque dei asilo a um outro que está debaixo da minha cama e que fugia à sua perseguição. Diz que o

¹⁰ Material fornecido por José Luís D'Amaral (1956-1997) no ano de 1996. Leitor do Instituto Camões na Argentina de 1993 a 1997, foi incansável representante da cultura lusófona desde a perspectiva da integração. Deu aulas no *Instituto de Enseñanza Superior em Lenguas Vivas “Juan Ramón Fernández”* e realizou actividades como “Universos da Língua Portuguesa”, a semana de Portugal, a semana do Brasil, os dias de Cabo Verde, a revista *Parecidos e Diferentes*. Quem teve o privilégio de conhecê-lo sempre lembrará a sua afetuosa disposição para divulgar a língua portuguesa.

desgraçado lhe deve cinco réis há um ano e não lhe paga, e quer matá-lo por isso. E o outro fugiu para a minha casa, porque sendo a casa do régulo, ele não ousaria cometer o crime”.

O régulo, pesando a questão, tirou cinco réis da algibeira, deu-os ao homem e mandou-os embora.

LENDA (Versão persa)

“Era uma vez um vaqueiro da cidade de Dvaravati que tinha uma mulher infiel, a qual mantinha relações amorosas ao mesmo tempo com o magistrado da cidade e com o seu filho.

Um dia estava ela com o filho do magistrado, quando batem à porta, era o próprio magistrado para passar o tempo. Logo que o viu aproximar-se, empurrou o filho para dentro de um celeiro e pôs-se a divertir-se do mesmo modo com o pai. Entretanto chegou o vaqueiro, seu marido, vindo do curral. Logo que o viu, a mulher disse: “Magistrado, agarre num pau e saia apressadamente, aparentando agastado”. O magistrado está zangado com o filho”, respondeu ela, “desconheço o motivo. E este perseguido pediu-me auxílio e eu salvei-o metendo-o no celeiro”.

Depois foi ao celeiro e trouxe o rapaz.

LENDA (Versão brasileira) CASCUDO, Luís da Câmara

Era uma mulher casada muito sabida mas não era séria. Quando o marido viajava, ela metia em casa um dos seus parceiros. Estava numa ocasião destas muito de seu agrado quando bateram na porta: “Quem é?” “Sou eu!” “Eu quem?” “Fulano”. Era outro parceiro. E a mulher para evitar briga, abriu uma mala grande de guardar redes e escondeu lá dentro o primeiro companheiro. O outro amigo entrou e pegaram a conversar, quando bateram novamente à porta. “Quem é?” “Sou eu, Sicrano”. Desta vez era o marido que vinha chegando. O homem que estava dentro da casa ficou atrapalhado. A mulher teve uma idéia. Disse: “Pegue numa faca, faça de conta que está muito zangado e assim que eu abrir a porta, saia dizendo desaforos e insultando para um lado e para outro”.

A mulher disse e o homem fez. Puxou da faca e sacudiu facadas para cima e para baixo e logo que a mulher abriu a porta ele saiu gritando: “Deixa que eu te esfole, cachorro da moléstia! Peste desgraçada...etc., etc.

O marido entrou desconfiado, perguntando que alvoroço era aquele. A mulher respondeu: “Não foi nada marido. Estava eu a cear quando bateram à porta. Fui abrir e entrou um rapaz muito aflito, dizendo: “Por favor, valha-me, esconda-me que me matam”. E escondi o rapaz na mala das redes, quando entrou aquele outro que viste de faca na mão, procurando por todo o lado, dizendo nomes feios. Não encontrou o rapaz quando felizmente chegaste”.

“Onde está o rapaz?” Perguntou o marido. A mulher abriu a mala e o rapaz saiu de dentro da mala. O marido mandou que ele descansasse do susto, ofereceram-lhe café, saindo depois de acharem que tudo estava calmo.

LENDA (Versão brasileira) CASCUDO, Luís da Câmara

Era uma mulher casada, muito vadia e amiga de namoros. Uma noite estava ela conversando com um seu parceiro quando bateram na porta. A Mulher mais que depressa escondeu o homem debaixo da cama. Era outro camarada dela e começaram na conversa mas ouviu-se de repente o tropel do cavalo do marido. A mulher lembrou-se de mandar o segundo homem trepar para o girau de guardar queijo, amarrado com caichos quase por cima da cama.

O marido chegou, comendo brasa porque os negócios iam de mal a pior. Queixou-se à mulher que se não tivesse um conto de réis até domingo seria obrigado a vender o cavalo. A mulher aconselhou-o: “Pegue-se com Deus, marido. Só ele pode dar jeito”.

O marido levantando os braços para o céu disse: “É mesmo, mulher; Se aquele lá de cima não der um remédio, eu estou perdido”.

O homem escondido no girau, pensando que o marido se dirigia a ele, respondeu, tremendo de medo:

“Se o de baixo der metade, eu entro com o restante”.

O ROMANCE *Gabriela, Cravo e Canela* de Jorge Amado foi adaptado para a televisão e para o cinema, sendo que cada uma destas adaptações apresenta diferentes linguagens e narrativas. A análise das adaptações, a partir da narrativa literária permite compreender o diálogo que se estabelece entre os textos. A leitura

semiótica, por sua vez, é facilitadora para o entendimento das personagens principais, individualizadas no seu espaço-tempo.

Comparamos o trecho do livro que mostra a traição de Gabriela com Tônico Bastos: (...) *De como o árabe Nacib rompeu a lei antiga e demitiu-se com honra da benemérita Confradia de São Cornélio ou de como a Senhora Saad voltou a ser Gabriela.* (AMADO, J. s/d: 314-315).

O autor Jorge Amado é talvez o romancista brasileiro com maior número de obras conhecidas que foram transformadas em canções, poesias, peças teatrais ou adaptações para o cinema, rádio e televisão. A narrativa *Gabriela, Cravo e Canela* foi publicada em agosto de 1958, tendo sido recebida pelo público de forma muito positiva. Este fato conduz a uma reflexão sobre o processo de recepção da crítica, sendo esta vinculada à apropriação adequada do código que lhe é inerente, da predisposição do público de apropriar-se de um sentido. Certamente, esta predisposição é relacionada ao momento histórico em que é publicado o livro. O período que vai de 1956 a 1961, ou a era de Juscelino Kubitschek, marca um momento de profundas transformações políticas e sociais. É também uma fase que coincide com a inauguração do *Cinema Novo*, no Brasil, com Néelson Pereira dos Santos (Rio, 40 graus, 1955). Na vida do autor, o período assinala também profundas mudanças, ele escreve esta obra pouco tempo após o seu retorno ao Brasil, devido a um grande período em que esteve na Europa, na situação de exilado político. O romance, de fato, estabelece o marco da ruptura do escritor com a literatura como instrumento ideológico, representando o que se denominou de "um retorno ao ciclo do cacau", um mundo repleto de coronéis, jagunços e prostitutas que percorrem as ruas da cidadezinha de Ilhéus, então florescente município em função das fazendas cacauzeiras. A narrativa tem um ritmo cadenciado pela crônica da cidade, os diálogos longos, os dizeres provincianos e as descrições das personagens mesclam história, caracterização psicológica e humana.

Também pegamos a cena da **longametragem** *Gabriela* onde Nacib encontra a sua mulher com Tônico Bastos na cama.

Ao analisarmos o romance procuramos estabelecer vínculos entre formas textuais diferentes (texto literário, novela e filme), as quais têm um diálogo entre si, na medida em que as adaptações que se produziram a partir da obra literária, remetem à narrativa da obra literária. Mesmo as duas obras fílmicas, a novela e o filme, produzem um diálogo na sua personagem principal, ao apresentar a mesma

atriz para o papel de Gabriela, causando um impacto no que diz respeito à iconicidade da personagem. De fato, Gabriela (Sonia Braga) tornou-se um ícone no imaginário nacional.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. Rio de Janeiro: Record.
- APARICI, R. (1996): *La Revolución de los Medios Audiovisuales*. Madrid: De la Torre.
- CANCLINI, Nestor Garcia (2000): *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP.
- CASCUDO, L. da Câmara (1978): *Literatura Oral no Brasil*, em *Coleção Documentos brasileiros*, v 186. 2º ed., Rio de Janeiro – Brasília: J. Olympio – INL.
- CIRNE, Moacy (1975): *Para ler os quadrinhos: Da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. Petrópolis: Vozes.
- COSTA, R. L. J. da (1989): *A Narrativa Africana de Expressão Oral*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Portugal), Angolê - Artes e Letras (Angola).
- FARACO, C. E. e M.; MARTO F.(1995): *Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática S. A.
- FERNANDES, Anchieta (1976): *Literatura & quadrinho (do verbal ao iconográfico)*. Em: *Revista Vozes*, Nº 6, Petrópolis.
- LIMA, Luiz Costa (org.) (2000): *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra.
- MOYA, Álvaro de (1996): *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense.
- [http:// www.lettras.terra.com.br/tom-jovim/86208/](http://www.lettras.terra.com.br/tom-jovim/86208/) Acessado em 28/09/2010